

FERREIRA
GULLAR

T O D A
POESIA

(1950—1987)

7ª edição

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

© Ferreira Gullar, 1980

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua da Glória, 344/4º andar
Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00187-X

Capa
JOATAN

4ª de Capa
Retrato de Ferreira Gullar por
SIRON FRANCO

Foto de
DENIZE TORBES

Editoração
MARCO ANTONIO NEDER

Diagramação
ANTONIO HERRANZ

Revisão
MARCO ANTONIO CORRÊA
FÁTIMA CARONI
TEREZA CARDOSO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G983t Gullar, Ferreira, 1930-
Toda poesia (1950-1987) / Ferreira Gullar; prefácio de Franklin de
Oliveira. – 7. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

1. Poesia brasileira. I. Título.

99-0006

CDU – 869.91

Sumário

GALO GALO

O galo
no saguão quieto.

Galo galo
de alarmante crista, guerreiro,
medieval.

De córneo bico e
esporões, armado
contra a morte,
passeia.

Mede os passos. Pára.
Inclina a cabeça coroada
dentro do silêncio
— que faço entre coisas?
— de que me defendo?

Anda

no saguão.
O cimento esquece
o seu último passo.

Galo: as penas que
florescem da carne silenciosa
e o duro bico e as unhas e o olho
sem amor. Grave
solidez.
Em que se apóia
tal arquitetura?

Saberá que, no centro
de seu corpo, um grito
se elabora?

Como, porém, conter,
uma vez concluído,
o canto obrigatório?

Eis que bate as asas, vai
morrer, encurva o vertiginoso pescoço
donde o canto rubro escoia.

Mas a pedra, a tarde,
o próprio feroz galo
subsistem ao grito.

Vê-se: o canto é inútil.

O galo permanece — apesar
de todo o seu porte marcial —
só, desamparado,
num saguão do mundo.
Pobre ave guerreira!

Outro grito cresce
agora no sigilo
de seu corpo; grito
que, sem essas penas
e esporões e crista
e sobretudo sem esse olhar
de ódio,

não seria tão rouco
e sangrento

Grito, fruto obscuro
e extremo dessa árvore: galo.
Mas que, fora dele,
é mero complemento de auroras.

A GALINHA

Morta
flutua no chão.
Galinha.

Não teve o mar nem
quis, nem compreendeu
aquele ciscar quase feroz. Cis-
cava. Olhava o muro,
aceitava-o, negro e absurdo.

Nada perdeu. O quintal
não tinha
qualquer beleza.

Agora
as penas são só o que o vento
roça, leves.

Apagou-se-lhe
toda a cintilação, o medo.
Morta. Evola-se do olho seco
o sono. Ela dorme.
Onde? onde?

AS PÊRAS

As pêras, no prato,
apodrecem.
O relógio, sobre elas,
mede
a sua morte?

Paremos a pêndula. De-
teríamos, assim, a
morte das frutas?

Oh as pêras cansaram-se
de sua forma e de
sua doçura! As pêras,
concluídas, gastam-se no
fulgor de estarem prontas
para nada.

O relógio
não mede. Trabalha
no vazio: sua voz desliza
fora dos corpos.

Tudo é o cansaço
de si. As pêras se consomem
no seu doirado
sossego. As flores, no canteiro
diário, ardem,
ardem, em vermelhos e azuis. Tudo
desliza e está só.

O dia
comum, dia de todos, é a
distância entre as coisas.
Mas o dia do gato, o felino
e sem palavras
dia do gato que passa entre os móveis
é passar. Não entre os móveis. Pas-
sar como eu
passo: entre nada.

O dia das pêras
é o seu apodrecimento.

É tranqüilo o dia
das pêras? Elas
não gritam, como
o galo.

Gritar
para quê? se o canto
é apenas um arco
efêmero fora do
coração?

Era preciso que
o canto não cessasse
nunca. Não pelo
canto (canto que os
homens ouvem) mas
porque can-
tando o galo
é sem morte.

2

Miséria! esta avenida é
eterna!

Que fazem os galhos
erguidos no
vazio
se não garantem sua
permanência?

O relógio
ri.

O

canteiro é um mar
sábio con-
tido
suicidado.

Na luz
desamparada, as corolas
desamparadas.

3

Precárias são as praias dos
homens:

praias
que morrem na cama com
o ódio e o
sexo: perdem-se
no pó sem voz.

A importância das praias para o mar!
Praias, amadurecimento:

aqui
o mar crepita e fulgura, fru-
to trabalhado dum fogo
seu, aceso
das águas,
pela faina das águas.

ROÇZEIRAL

Au sôflu i luz ta pom-
pa inova'

orbita

FUROR

tô bicho

'scuro fo-

go

Rra

UILÁN

UILÁN,

lavram z'olhares, flamas!

CRESPITAM GÂNGLES RÔ MASUAF

Rhra

Rozal, ROÇAL

l'ancêndio Mino-

Mina TAURUS

MINÔS rhes chãs

sur ma parole —

ÇAR

ENFERNO

LUÍZNEM

E ÔS SÓES

LÔ CORPE

INFENSOS

Ra

CI VERDES

NASCI DO

CÔFO

FORLHAGEM, fo-

lhargem

q'abertas

ffugas acêças

GUERRAS

dê pomos —
pomares riste
MON FRÈRE MA FRÊLE —
te roubo o roubo
CÃO das Haspéridas

Dê seque peles
perseques rijes
curraçanádus
pur flór
oblófs!

LO MINÇA GARNE
Mma!
Ra tetti mMá

Mu gargântu
FU burge
MU guêlu, Mu
Tempu — PULCI

MU
LUISNADO
VU
GRESLE RRA
Rra Rra
GRESLE
RRA

I ZUS FRUTO DU
DUZO FOGUARÉO
DOS OSSOS DUS
DIURNO
RRRA

MU MAÇÃ N'AFERN

TÉRRE VerrONAZO

OASTROS FÓSSEIS
SOLEILS FOSSILES
MAÇÃS Ô TÉRRES
PALAVRA STÊRCÃ
DEOSES SOLERTES PA-
LAVRA ADZENDA PA-
LAVRA POÉNDZO PA-
LARVA NÚ-
MERO FÓSSEIL
LE SOLÉLIE PÓe
ÉL FOSSIL PERFUME
LUMEM LUNNENI
L U Z Z E N M

LA PACIÊNÇA TRA-
VALHA
LUZNEM

O vento estremece as flores
no lábio do mês. Abril.
Qual será na grama a data
deste festim belo e triste?

Que morte se comemora?
Que deus se enterra esta tarde
em Ipanema? Que morto
vaza seu corpo no mar?

Mais alto ergue o mar os seus
ramos de pedra fugaz.
Como o canto que se perde
é a agitação colorida

das verduras, o sagrado
cruzar de espadas vermelhas
e negras. Rei de Paus. Valete.
A Dama sacode a fronte

coroadada de açucenas,
seus ltuosos cabelos,
sua túnica em quadrados
preto e branco. Amor e morte.

RECADO

Os dias, os canteiros,
deram agora para morrer como nos museus
em crepúsculos de convalescença e verniz
a ferrugem substituída ao pólen vivo.
São frutas de parafina
pintadas de amarelo e afinadas
na perspectiva de febre que mente a morte.

Ao responsável por isso,
quem quer que seja,
mando dizer que tenho um sexo
e um nome que é mais que um púcaro de fogo;
meu corpo multiplicado em fachos.
Às mortes que me preparam e me servem
na bandeja
sobrevivo,
que a minha eu mesmo a faço, sobre a carne da perna,
certo,
como abro as páginas de um livro
— e obrigo o tempo a ser verdade

JARRO NA MESA

Sobre o centro da mesa há um jarro de flores
azuis brancas puídas
Dia 5 de março
Há um jarro pintado
cheio de flores

Há no quintal uma galinha velha se espojando
na terra velha
no esquecido deserto

Sob o jarro há uma toalha de brim
bordada de linha
como a sombra das flores à sombra das flores
e no quintal
o bicho que não é pintura
entregue a si mesmo
como está Saturno
Há um jarro
uma palavra seca mas florida
na boca da terra
jarro pintado filho do homem

MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

o homem está preso à vida e precisa viver
o homem tem fome
e precisa comer
o homem tem filhos
e precisa criá-los
Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las.

O AÇÚCAR

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

HOMEM COMUM

Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e esquecimento.
Ando a pé, de ônibus, de táxi, de avião
e a vida sopra dentro de mim
pânica
feito a chama de um maçarico
e pode
subitamente
cessar.

Sou como você
feito de coisas lembradas
e esquecidas
rostos e
mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia
em Pastos-Bons,
defuntas alegrias flores passarinhos

BICHO URBANO

Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade
do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada

Não não quero viver em Pirapemas
Já me perdi
Como tantos outros brasileiros
me perdi, necessito
deste rebuliço de gente pelas ruas
e meu coração queima gasolina (da
comum)
como qualquer outro motor urbano

A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
esse abismo
de gases e de estrélas
aberto sob minha cabeça.

OVNI

Sou uma coisa entre coisas
O espelho me reflete
Eu (meus
olhos)
reflito o espelho

MAU CHEIRO

Os jornais anunciam que o prefeito
vai acabar com o mau cheiro em Olaria.

É melhor do que nada: esta cidade
anda fedendo muito ultimamente.

Não falo da Lagoa que, parece,
já fede por capricho;
nem da praia do Leblon,
do Posto Seis:

nossa taxa de lixo.

Falo de um odor que entranha em tudo e que se espalha
pela cidade inteira feito gás

e por mais
banhos que tomemos
e por mais
desodorantes
que usemos

(na boca, na axila
na vagina;
no vaso do banheiro,
no setor financeiro)

não se acaba esse cheiro

BANANAS PODRES 2

naquele canto

em sombra

da quitanda

a tarde — o tempo

o sol da tarde —

nas bananas virava mel

(aliás

mais água

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

ARTE POÉTICA

Não quero morrer não quero
apodrecer no poema
que o cadáver de minhas tardes
não venha feder em tua manhã feliz
e o lume
que tua boca acenda acaso das palavras
— ainda que nascido da morte —
some-se
aos outros fogos do dia
aos barulhos da casa e da avenida
no presente veloz

Nada que se pareça
a pássaro empalhado múmia
de flor
dentro do livro
e o que da noite volte
volte em chamas
ou em chaga

vertiginosamente como o jasmim
que num lampejo só
ilumina a cidade inteira

SUBVERSIVA

A poesia
quando chega
não respeita nada.
Nem pai nem mãe.
Quando ela chega
de qualquer de seus abismos
desconhece o Estado e a Sociedade Civil
infringe o Código de Águas
relincha
como puta
nova
em frente ao Palácio da Alvorada.

E só depois
reconsidera: beija
nos olhos os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça

E promete incendiar o país

POEMA OBSCENO

Façam a festa
cantem e dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro
sujo
como a miséria brasileira

Não se detenham:
façam a festa

Bethânia Martinho
Clementina

Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
gente de Vila Isabel e Madureira

todos
façam

a nossa festa
enquanto eu soco este pilão
este surdo
poema

que não toca no rádio

que o povo não cantará

(mas que nasce dele)

Não se prestará a análises estruturalistas

Não entrará nas antologias oficiais

Obsceno

como o salário de um trabalhador aposentado

o poema

terá o destino dos que habitam o lado escuro do país

— e espreitam.

A ESPERA

Um grave acontecimento está sendo esperado por todos

Os banqueiros os capitães de indústria os fazendeiros
ricos dormem mal. O ministro
da Guerra janta sobressaltado,
a pistola em cima da mesa.

Ninguém sabe de que forma desta vez a necessidade
se manifestará:

se como

um furacão ou um maremoto
se descerá dos morros ou subirá dos vales
se manará dos subúrbios com a fúria dos rios poluídos

Ninguém sabe.

Mas qualquer sopro num ramo

o anuncia

Um grave acontecimento
está sendo esperado
e nem Deus e nem a polícia
poderiam evitá-lo.

e ali fiquem
como um grito
abafado
pelo rumor da cidade.

MANHÃ DE SOL

Vianinha, Paulinho, Armando Costa
que dia lindo, não?
Estou passando de carro
ao lado do cemitério São João Batista
e quase escuto vocês aí dentro
falando e rindo
debaixo deste sol.

Deve ser bom estar assim entre amigos
livres das aporrinhações da vida
a olhar as nuvens
e os passarinhos
que por aí
passarinham.

Invisíveis,
de que falam vocês
recostados no túmulo de Vinicius de Moraes?
Do CPC? do Opinião? do futuro
da Nova República?
ou simplesmente flutuam
como os ramos
ao fluxo da brisa?
Paro no sinal da Rua Mena Barreto.
— E pode um marxista admitir
conversa entre defuntos?

Não é a morte o fim de tudo?
— É claro, digo a mim mesmo, é claro —
e sigo em frente.

Mas dentro da minha alegria
os três amigos continuam a conversar e rir
nesta manhã brasileira
que torna implausível a escura morte.

NASCE O POEMA

há quem pense
que sabe
 como deve ser o poema
 eu
 mal sei
 como gostaria
 que ele fosse

porque eu mudo
 o mundo muda
 e a poesia irrompe
donde menos se espera
 às vezes
 cheirando a flor

às vezes
desatada no olor
 da fruta podre
 que no podre se abisma
(quanto mais perto da noite
 mais grita
 o aroma)
 às vezes
num moer
de silêncio